

CELEBRANDO OS 10 ANOS DA REVISTA VERSALETE: REVENDO
PUBLICAÇÕES E APONTANDO DIRECIONAMENTOS PARA AUTORES DE
ARTIGOS CIENTÍFICOS EM LETRAS

CELEBRATING VERSALETE'S 10 YEAR ANNIVERSARY: REVIEWING
PUBLICATIONS AND POINTING OUT DIRECTIONS FOR AUTHORS OF
SCIENTIFIC ARTICLES IN LETTERS

Janice Inês Nodari¹

RESUMO: Este texto objetiva elencar aspectos pertinentes a serem considerados quando da submissão de manuscritos em Letras para publicação. Para tanto, o texto indica contribuições dos pesquisadores John Swales (1990) e Bob Mckersher *et al.* (2007) para a organização de artigos acadêmicos submetidos à publicação e realiza uma análise pontual de problemas recorrentes identificados em artigos acadêmicos em Letras aceitos para publicação na Revista Versalete entre os anos de 2015 e 2022.

Palavras-chave: Revista Versalete; artigos acadêmicos; orientações para submissão de manuscritos.

ABSTRACT: This text aims to point out relevant aspects to be considered when submitting manuscripts in Letters for publication. To this end, the text indicates the contributions of researchers John Swales (1990) and Bob Mckersher *et al.* (2007) to the organization of academic articles submitted for publication and carries out a specific analysis of recurring problems identified in academic articles in Letters accepted for publication in Revista Versalete from 2015 to 2022.

Keywords: Revista Versalete; academic papers; guidelines for submitting manuscripts.

¹ UFPR.

1. INTRODUÇÃO

Em um mundo em que se “busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem se inscreve como sistema mediador de todos os discursos” (Meurer; Motta-Roth, 2002, p. 10). Quem escreve melhor aumenta suas chances de ser mais lido. Na área de Letras, que trata diretamente da linguagem, as publicações têm focos variados, desde ensino e aprendizagem de línguas ou literaturas de língua materna ou estrangeira, até tradução, linguística, teoria e crítica literária. Restringindo o escopo para os cursos de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), podemos contar com pesquisas e publicações sobre a língua ou a literatura de nove (09) línguas estrangeiras além de português, bem como sobre ensino e aprendizagem dessas línguas e suas literaturas, estudos da tradução, linguística e linguística aplicada. De maneira bem específica, e limitando meu campo de consideração e análise às edições da Revista Versalete — revista centrada na publicização de pesquisas de alunos de graduação e pós-graduação, em especial, bem como de professores de Letras — os estudos divulgados na Revista, no período de 2013 a 2022, versaram sobre linguística, linguística aplicada, tradução ou literatura.

Cada uma dessas áreas costuma lidar com seu próprio universo de referências basilares, recomendações de escrita e estilos de apresentação de informações. Nisso diferem um tanto do que se costuma encontrar em textos das áreas de saúde, biológicas ou exatas, por exemplo. Nessas áreas de fora do escopo das ciências ditas humanas, as publicações costumam seguir uma estrutura de apresentação do artigo acadêmico já consagrada, o famoso modelo CARS — *create a research space* — ou “criando um espaço de pesquisa”, em tradução livre. Esse modelo é uma contribuição do linguista e pesquisador de gêneros textuais John Swales (1990), e assume que o autor de um manuscrito já considera outros aspectos relevantes para a recepção do seu texto como, por exemplo, o público, o propósito da escrita e a estratégia utilizada, a organização do

texto e o estilo seguido, o fluxo de informações, e o posicionamento enquanto pesquisador, entre outros (Swales; Feak, 2012).²

De acordo com o modelo CARS proposto por Swales (1990), a Introdução de um artigo acadêmico — a seção mais problemática para um pesquisador escrever, segundo o autor — apresenta um problema e possíveis soluções. Dito desse modo, não haveria necessidade de se escrever um texto de 12 páginas para justificar que seja chamado de artigo, não é mesmo? No entanto, ao analisar artigos publicados em algumas áreas do conhecimento que foram bem recebidos por revistas especializadas e pela comunidade científica de modo geral, Swales (1990) observou que é possível identificar uma espécie de modelo dos movimentos retóricos usados na seção de Introdução daqueles textos. Esses movimentos, em número de três, estabelecem um território de pesquisa, um nicho de contribuição possível dentro desse território e ocupam esse nicho identificado com sua contribuição científica pontual. Parece simples, e é.

Essa sequência, no entanto, não é cristalizada e nem sempre é seguida em todas as áreas, muito menos nos artigos das áreas de Letras. E isso é um problema? Não exatamente ou, pelo menos, não no Brasil. Afinal, trabalhamos com a linguagem, e quando um texto se apresenta bem escrito ou nos interessa por conta de um determinado objetivo que temos ao lê-lo, tendemos a aceitá-lo melhor. Isso inclui potenciais pareceristas de revistas acadêmicas. Em linhas gerais, a escrita acadêmica não difere tanto de outros tipos de escrita não ficcional. Dito isso, o artigo acadêmico precisa ter uma tese central e seguir uma linha de raciocínio lógica e clara da introdução à conclusão (McKersher *et al.*, 2007), o que aumentaria suas chances de aceite para publicação. Não haveria necessidade de seguir um modelo mais fechado de apresentação.

² Há inúmeras referências e manuais sobre como executar uma boa apresentação de argumentos em um artigo acadêmico. Recomendo: TURABIAN, K. L. *A Manual for Writers of research papers, theses, and dissertations*. 9th ed. Chicago; London: University of Chicago Press, 2018.

O que a proposta de Swales (1990) apresenta de contribuição, como já dito, não parece interferir muito no aceite de manuscritos submetidos na área de Letras, porque nas publicações nessa área não se segue o modelo CARS à risca. Estou generalizando, claro, mas meu universo para a ponderação feita considera os textos publicados pela Revista Versalete, em especial entre os anos de 2015 e 2022. Uma das preocupações que acompanha pesquisadores em formação inicial e mesmo aqueles com certa experiência diz respeito ao aceite de um manuscrito para publicação e às possibilidades de comunicar de modo adequado e transparente os objetivos e contribuições de sua pesquisa. Posto isto, este texto tem o objetivo de levantar pontos que costumam passar despercebidos para autores de manuscritos — pressionados por prazos curtos e pela exigência por publicar — e que aumentam as possibilidades de um texto ser bem aceito para leitura por parte de colegas pesquisadores quando estão contemplados. Ainda, e de modo a reduzir o escopo de análise a algo plausível de ser feito no limite de páginas de um artigo, este texto atende parcialmente o segundo ponto ao considerar um volume de textos que passaram pelo primeiro, ou seja, ao considerar textos aprovados após submissão.

Aqui, cabe um aparte sobre a rejeição a manuscritos, o que será tratado com mais cuidado na próxima seção.

2. METODOLOGIA — ALGUMAS PALAVRAS E ALGUNS NÚMEROS

Antes de apresentar alguns números e o que significam em relação às publicações feitas na Revista Versalete no período específico de 2015 a 2022, cabe distinguir que a pesquisa em tela não é de cunho quantitativo, mas qualitativo. A definição a seguir, de José Luis Neves (1996), distingue uma da outra:

Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e

variáveis que são objeto de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados (Neves, 1996, p. 01).

Entendo algumas das implicações negativas de se utilizar uma abordagem qualitativa em uma pesquisa como a que eu trago e que envolve números. Entre os problemas possíveis estão a questão da confiabilidade e a validação dos dados obtidos. E, para isso, apenas confiar na palavra do pesquisador não basta. Ainda assim, destaco das palavras de Neves (1996) os elementos que orientam e motivam minha escrita deste texto: durante 08 (oito) anos, fui coeditora da Revista Versalete e tive “contato direto e interativo” com “a situação objeto de estudo”, que originou este texto. Por ser uma pesquisa qualitativa, pautada na premissa de que é possível escrever sempre melhor, busquei entender o que causava desconforto aos revisores e editores da Versalete quando realizavam a revisão de manuscritos submetidos e aprovados por pareceristas (“fenômeno”) e, a partir daí, situar minha interpretação desses fenômenos. É, pois, uma contribuição empírica. Não satisfeita apenas com a interpretação, trago o lado prático, qual seja, algumas questões que podem ajudar um pesquisador a acessar a qualidade da sua contribuição científica antes da submissão, aumentando, assim, suas chances de aceite e a compreensão da sua contribuição para a comunidade científica, em especial a grande comunidade de Letras.

De modo a poder apresentar uma contribuição pontual com base na análise de manuscritos aprovados para publicação, irei me deter em um período específico de funcionamento da Revista, período este em que fui coeditora da publicação. A Versalete está em funcionamento desde 2013 e neste ano de 2023 completa uma década de

trabalho. Em termos numéricos, foram 20 edições³, cerca de 410 artigos, ensaios, resenhas, e também Questionários Proust, o que perfaz em torno de 7219 páginas de textos. Os 410 artigos contaram com um número ainda maior de autores, uma vez que vários deles foram submetidos em coautoria.

Eu estive envolvida na função de coeditora e formadora de revisores no intervalo específico de março de 2015 a dezembro de 2022. Nesse período, foram oito (08) anos de formação de revisores voluntários, editoração de textos e cuidados editoriais diversos em 16 números distintos da publicação. Foram, portanto, cerca de 334 textos, entre artigos, resenhas, traduções, Questionários Proust e artigos de professores convidados. Houve um grande aprendizado, tanto para os integrantes das equipes de revisão e formatação — ao todo, tivemos 38 revisores voluntários nos oito anos —, quanto para autores e pareceristas. Conhecimento circulando nas áreas de Letras. E isso em apenas uma revista acadêmica da área!

Para sinalizar possíveis posturas por parte de pesquisadores-autores em suas próximas submissões, precisei restringir os dados que serão apresentados. Desta forma, e de modo a viabilizar o acompanhamento das informações, a tabela seguinte mostra os elementos que mais apresentaram problemas no período pós-submissão e aprovação por parte dos pareceristas. São informações levantadas após a execução da revisão e formatação por parte dos revisores voluntários, quando eu realizava a leitura e verificação de todos os textos, e imediatamente anterior ao contato que minha colega e coeditora da Revista fazia com os autores para solicitar ajustes finais nos textos.

Os quatro problemas mais recorrentes e que exigiam correções antes da publicação no site estão no quadro a seguir:

³ As edições da Revista podem ser consultadas no link:
<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes.html>.

	Problemas apresentados	Número de artigos que apresentaram o problema
1.	Referências ao longo do texto e no final	199
2.	Redação do texto (uso da norma culta)	49
3.	Organização do texto	20
4.	Traduções	25

Fonte: A autora, 2023.

Aqui, trago outros esclarecimentos: não houve contagem problema a problema. Os números indicados acima, portanto, consideram os 334 textos dos 16 números da publicados no site da Revista, entre 2015 e 2022. Alguns textos apresentaram mais de um problema com referências, por exemplo. A tabela acima, portanto, dá conta do contínuo temporal, ainda que não traga indicado quando determinados aspectos foram mais frequentemente encontrados. Isso pode ser assunto de outra pesquisa.

Quanto aos elementos colocados, é preciso esclarecer que o item “referências” considerava os problemas apresentados tanto ao longo do texto quanto na lista final das referências consultadas e de acordo com as Normas da ABNT, instrumento de normalizações utilizado. Os problemas variavam desde a não indicação de tradutores de certas obras referenciadas, até confusão na apresentação da data correta de publicação de um determinado livro — quando havia uma data de publicação informada no corpo do texto e outra no final —, até a digitação errada de nomes e sobrenomes de autores ou mesmo do título das obras.

Em relação à “redação do texto”, havia problemas com concordância de gênero ou número, falta de coesão ou coerência, em especial em trechos nos quais o estilo do autor do manuscrito não “conversava” com as citações usadas para dar embasamento teórico aos argumentos colocados, ou mesmo o uso equivocado da pontuação, de conectores e de tempos verbais. Em algumas dessas ocorrências, a simples inclusão de um ponto e vírgula substituindo uma vírgula, por exemplo, deixava o texto mais fluido. Para o item “redação do texto”, considere as questões apresentadas e que diziam respeito ao uso

da norma culta da língua em que o texto estava escrito. Certamente, o mau emprego de pontuação, o uso indevido de certos conectores, e a mistura de vozes ao longo dos manuscritos causavam problemas de compreensão e precisavam ser adequados.

Em relação ao item “organização do texto”, em alguns manuscritos as conclusões do estudo não estavam postas, e o texto terminava abruptamente. Nesse quesito, incluí também a ausência de resumo ou da tradução deste para uma língua estrangeira. Ainda, em algumas ocasiões, havia profusão de subtítulos que não necessariamente ajudavam na organização e apresentação das ideias. Incluído aqui está também o ponto que foi indicado nos estudos de Swales (1990) sobre as Introduções de artigos acadêmicos não apresentarem os três movimentos — houve apontamentos por parte dos revisores e das editoras da Revista sobre como a redação ou reorganização do texto poderiam ser melhorados. Ainda nesse item, cabe mencionar que muitas vezes a teoria não conversava com a análise feita e, na condição de revisores dos manuscritos, fazíamos sugestões de como essa “conversa” entre teoria e prática, ou teoria e análise, poderia acontecer de maneira mais clara.

Já sobre o item “traduções”, havia problemas de toda ordem: desde a presença de trechos em língua estrangeira no corpo do texto que interferiam na leitura do manuscrito ao inserir uma língua estrangeira que não a língua em que o texto estava escrito, até a não informação ou informação incompleta quanto à tradutora/ao tradutor de determinada referência consultada. Outro problema recorrente era a não indicação de autoria (do próprio autor do manuscrito) para algumas traduções presentes nos manuscritos.

Ainda que esses não tenham sido os únicos problemas apresentados pelos 334 textos na etapa de pós-revisão e formatação — anterior à publicação no *site* da Revista —, foram os mais frequentes. Ressalto ainda que toda e qualquer sugestão de melhoria em relação a esses quatro aspectos e mesmo outros que interferiam com o estilo de redação, organização do texto ou apresentação das ideias era colocado como sugestão

para os autores/as autoras em balões de comentários ao longo do arquivo do texto em formato .doc. Eram os autores dos manuscritos que tomavam a decisão final de acatar ou não, de autorizar ou não, as alterações que tínhamos sugerido antes de o texto ser publicado no *site* da Revista.

3. DISCUSSÃO

Com base na leitura de 334 artigos e na constatação de quais foram os problemas mais recorrentes que, ainda que não impedissem sua publicação, deixavam a leitura dos textos truncada, trago algumas observações sobre como escrever melhores artigos acadêmicos em Letras e aumentar as possibilidades de serem aceitos para publicação. Para isso, recorro a informações sobre o cenário mundial, para, na sequência, direcionar aos manuscritos publicados pela Revista Versalete entre 2015 e 2022 e, quem sabe, orientar os trabalhos das próximas submissões aos pesquisadores interessados.

De acordo com um estudo realizado pelos pesquisadores Bob McKercher, Rob Law, Karin Weber, Haiyan Song, e Cathy Hsu da Universidade Politécnica de Hong Kong, envolvendo artigos submetidos para jornais acadêmicos da área de turismo e hotelaria, estudo este publicado em 2007, a rejeição a manuscritos é a norma e não a exceção na academia. Mais ou menos algo como “atire a primeira pedra quem ainda não teve um texto recusado para publicação”. Eu me atrevera a dizer que a recusa de manuscritos para publicação em um primeiro momento acontece com mais frequência do que deveria. Isso implica em perda de tempo, dissabores e desperdício de potencial intelectual, para citar apenas alguns aspectos críticos.

Ademais, e de acordo com os pesquisadores citados, há inúmeras razões para a recusa de publicação de um manuscrito. No levantamento realizado por Mckercher *et al.* (2007), algumas dessas razões são elencadas e informadas em inglês no quadro abaixo:

Table 1
Rank Order of Deficiencies Cited in Manuscripts (% of manuscripts reviewed)

Category	% of Manuscripts
Methodology	74.3
Significance / "so what"	60.3
Writing style	58.4
Literature review section of paper	50.9
Data analysis section of paper	42.1
Organization	34.6
Quality and rigor	30.0
Sampling	29.2
Conclusions section of paper	27.6
Discussions section of paper	25.2
Reference section of paper	23.6
Appropriateness of the paper for the journal	16.1
Failure to follow journal guidelines	14.2
Introduction section of paper	14.2
Manuscript is incomplete (sections missing)	7.0
Abstract section of the paper	3.2
Paper plagiarized or published elsewhere	.8

Fonte: McKercher *et al.*, 2007, p. 459.

Os critérios mais significativos para recusa de um texto, de acordo com o estudo realizado com textos de revistas acadêmicas de turismo e hotelaria, foram, portanto, deficiências na seção de metodologia do texto, problemas quanto à contribuição do texto ("so what [e daí?]") para a referida área de estudos, problemas em relação ao estilo de escrita e à seção de revisão de literatura da área.

Dentre os artigos submetidos para publicação na Revista Versalete, tivemos inúmeros motivos para justificar a recusa de um determinado manuscrito. Não fizemos, no entanto, o planilhamento desses motivos para que eu pudesse apresentá-los aqui. Mas não se decepcione, caro leitor. Prometo que tenho algo singular a ser apresentado na sequência e que justifica a sua leitura deste texto.

Meu levantamento de 2015 a 2022 deu conta apenas do momento posterior à aprovação dos (410) artigos submetidos, quando esses já tinham sido aprovados por dois ou mesmo três pareceristas e chegavam para a revisão final e formatação dentro

das normas seguidas pela Revista Versalete. E por que esse momento é relevante? Porque o trabalho só é considerado finalizado quando o texto está publicado no *site* da Revista. Ou seja, ainda que tivessem sido aceitos por dois ou mais pareceristas, os manuscritos submetidos podiam necessitar de mais uma leitura atenta de seu autor/seus autores antes da publicização. E, nesse momento, caro leitor, alguns dos problemas apresentados poderiam, sim, causar dissabores futuros a seus autores, uma vez que comunicar bem é uma arte.

De acordo com McKersher *et al.* (2007), a escrita acadêmica é tanto uma arte quanto uma ciência e o estudo conduzido por aqueles pesquisadores mostrou que manuscritos publicáveis precisam estar apresentados de forma tecnicamente proficiente e livre de falhas analíticas, metodológicas ou conceituais. Após a aceitação por parte de pareceristas é que vem a real publicização de um artigo acadêmico para o grande público. É quando se mostra para colegas da área o que estamos pesquisando e podemos com isso estabelecer ou estreitar contatos, aprofundar pesquisas, encontrar contribuições pertinentes para o que estamos investigando, entre outros benefícios. Antes desse momento, porém, entram em ação os revisores e editores da publicação. E, como apontei anteriormente neste texto, esse é o momento no qual centrei minha atenção ao trazer números e informações sobre manuscritos das áreas de Letras aprovados por pareceristas para publicação.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES

A habilidade de generalizar com base em fatos ou exemplos é relevante não só na escrita acadêmica, mas também e particularmente na argumentação (Leki, 2000, *passim*). Com base nisso, “[a]rgumentos acadêmicos são caracterizados muito mais por

apelo lógico do que emocional ou ético”⁴ (Leki, 2000, p. 257), e isso serve para a área de Letras e suas publicações. Para aumentar as possibilidades de um manuscrito ser aceito, publicado e lido, é preciso que a pesquisa que o originou seja pertinente e que a linguagem usada para sua escrita seja clara e fluida. Posto de outra forma, tanto a organização do texto quanto a apresentação da argumentação devem ser adequadas para publicação.

Não é de hoje que outras áreas do conhecimento questionam se o que é feito em Letras (e, talvez, por extensão, em outras áreas de humanas) pode ser considerado ciência. Não adentrarei essa seara — os críticos que briguem sozinhos porque a síndrome do impostor não me pega nesse ponto. Fazemos pesquisas e contribuímos para as ciências — e não só para as ciências humanas, e isso não é algo debatível. A grande questão é que costumamos querer ser mais criativos do que os limites da academia e das publicações nos permitem e mesmo podem administrar com ética e cuidado. Então, temos dificuldades de tornar nossas pesquisas compreensíveis para quem não é da área. Isso pode ser nosso grande trunfo ou nossa ruína. E, justamente por identificar tal tendência em meus próprios manuscritos, me incluo nos praticantes que, muitas vezes, querem quebrar as regras (do jogo acadêmico).

Considerando essas premissas, trago algumas perguntas que podem ser consideradas por autores de manuscritos em Letras quando forem submeter seus manuscritos para publicação. São perguntas baseadas majoritariamente, ainda que não exclusivamente, na minha experiência como formadora de revisores e coeditora da Revista Versalete ao longo de oito anos.

Essa lista não se propõe excludente ou finita. Sinta-se à vontade, caro leitor, para ampliá-la. As perguntas possíveis são:

⁴ No original: “Academic arguments are characterized more by logical appeal than emotional or ethical appeals”.

- O artigo é relevante? Traz uma contribuição para a área de estudos na qual se insere?
- Os procedimentos usados para a realização da pesquisa e a apresentação do manuscrito são adequados?
- Os resultados da pesquisa (ainda que parciais) estão colocados?
- O problema da pesquisa, os objetivos e as hipóteses são claros? E, ainda que não explicitamente apresentados, podem ser identificados por um leitor da área?
- As citações e as referências citadas estão verificadas?
- As referências aparecem todas na lista final, de acordo com as normas da publicação?
- As citações usadas estão adequadas e o rastreamento de plágio não identificou problemas?
- A discussão dos dados está adequada e apresenta coerência e habilidade na sua interpretação?
- O resumo e as palavras-chave estão adequados ao texto apresentado? Há um resumo em língua estrangeira, caso tenha sido solicitado pela publicação?
- O título é direto, informativo e adequado ao texto?
- A linguagem utilizada é clara e adequada?

Assim, complementando com a proposta dessa lista, o que me propus a fazer neste texto foi apresentar aspectos que um pesquisador em formação inicial pode observar antes de submeter o seu manuscrito para publicação objetivando garantir uma melhor aceitação por parte de pareceristas. São pontos simples, que não exigem a alma em troca e, ainda assim, dão certa liberdade criativa. Uma vez que o/a jovem pesquisador/a em formação sabe intuitivamente que sua pesquisa é pertinente, resta a ele/ela saber apresentá-la como tal.

E foi esse o enfoque deste texto. Ainda que os números apresentados falem por si, e que eu tenha iniciado o texto com algarismos — confesso, foram para chamar a sua atenção, caro leitor — o que me motivou a escrevê-lo foram as contribuições não quantificáveis. Foram os aprendizados sobre diferentes formas de ler textos e apresentar pesquisas em Letras; foram as contribuições de diferentes regiões do Brasil e mesmo do exterior. Foram os anos de aprendizado, edição e revisão compartilhados com uma equipe de 38 revisores voluntários e mais uma coeditora que contribuíram com a Revista Versalete pelo período de um semestre ou mais de 3 anos, sempre, reforço, de modo voluntário. Vários dos revisores voluntários já se formaram, finalizaram mestrado e doutorado ou estão no mercado editorial, entre outras tantas ocupações que as áreas de Letras possibilitam aos seus profissionais, sendo o voluntariado como revisores da Versalete uma dessas ocupações. De certa forma, posso generalizar e afirmar que o período de participação voluntária na revisão e formatação de edições da Revista contribuiu para as escolhas profissionais de alguns de seus revisores, e isso é bastante satisfatório.

Enfatizo que as contribuições que trouxe ao longo do texto não objetivavam apresentar uma pesquisa extensiva sobre escrita de textos acadêmicos em Letras. Foram apenas orientações. Ainda, não considerei um público altamente especializado para a proposta feita. Em linhas gerais, sei que as informações aqui passadas podem ser muito mais relevantes para pesquisadores em formação inicial do que para aqueles com alguns anos de prática. Em minha defesa, enfatizo: são esses pesquisadores iniciais que precisam (começar a) publicar, com qualidade e contribuições reais para as ciências contempladas na grande área de Letras.

Agradecimentos:

Agradeço a todos que fizeram parte da equipe da Revista Versalete nesses 8 anos em que pude atuar como coeditora. Em especial, agradeço à Isabella Boddy da Silva e ao João Vítor Schmidt Robbi por terem lido e comentado uma versão prévia deste manuscrito.

REFERÊNCIAS

LEKI, I. *Academic Writing. Exploring Processes and Strategies*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCKERSHER, B. *et al. Why Referees Reject Manuscripts*. In *Journal of Hospitality and Tourism Research*, Vol. 31. Nº 4, 2007. p. 455-470.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros Textuais e Práticas Discursivas*. Subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*. São Paulo, v. 1, nº 3, 2^o semestre/1996.

SWALES, J. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J.; FEAK, C. B. *Commentary for Academic Writing for Graduate Students*. Essential tasks and skills. 3rd ed. Ann Arbor: The University of Michigan, 2012.